

Volume 5



MUSEOLOGIA PATRIMÓNIO

Fernando Magalhães · Luciana Ferreira da Costa
Francisca Hernández Hernández · Alan Curcino

COORDENADORES

ESECS · Politécnico de Leiria

Fernando Magalhães
Luciana Ferreira da Costa
Francisca Hernández Hernández
Alan Curcino
(Coordenadores)

MUSEOLOGIA E PATRIMÓNIO

Volume 5

MUSEOLOGIA E PATRIMÓNIO

Volume 5

POLITÉCNICO DE LEIRIA

Presidente

Rui Filipe Pinto Pedrosa

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLITÉCNICO DE LEIRIA

Diretor

Pedro Gil Frade Morouço

EDIÇÕES

<https://www.ipleiria.pt/esecs/investigacao/edicoes/>

Conselho Editorial

Alan Curcino

(Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

Dina Alves

(Instituto Politécnico de Leiria, Portugal)

Emeide Nóbrega Duarte

(Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Fernando Paulo Oliveira Magalhães

(Instituto Politécnico de Leiria, Portugal)

José António Duque Vicente

(Instituto Politécnico de Leiria, Portugal)

Leonel Brites

(Instituto Politécnico de Leiria, Portugal)

Luciana Ferreira da Costa

(Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Marco José Marques Gomes Alves Gomes

(Instituto Politécnico de Leiria, Portugal)

Silvana Pirillo Ramos

(Universidade Federal de Alagoas, Brasil)

FICHA TÉCNICA

Título: Museologia e Património - Volume 5

Coordenadores: Fernando Magalhães, Luciana Ferreira da Costa, Francisca Hernández Hernández, Alan Curcino

Projeto gráfico: Alan Curcino, Luciana Ferreira da Costa, Leonel Brites

Capa: Leonel Brites

Imagem da capa: “Coração de Fauno” (2021) por Renan Florindo

Edição: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Politécnico de Leiria

ISBN 978-989-8797-61-2

Setembro de 2021

©2021, Instituto Politécnico de Leiria

APOIOS



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

CRIA
CENTRO EM REDE
DE INVESTIGAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA



cieqv

Centro de
Investigação em
Qualidade de Vida



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Rede de Pesquisa e (In)Formação em
Museologia, Memória e Patrimônio



**UNIVERSIDAD
COMPLUTENSE
MADRID**

Facultad de Geografía e Historia:
Grupo de Investigación Gestión del Patrimonio Cultural

FERDINAND BUISSON E A EMERGÊNCIA DOS MUSEUS PEDAGÓGICOS: PISTAS DE UM MOVIMENTO TRANSNACIONAL, SÉCULO XIX ¹⁹

Zita Rosane Possamai

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4014-5389>

1. Um movimento transnacional

A emergência dos museus pedagógicos na segunda metade do século XIX é aqui considerada no âmbito de um movimento de caráter internacional, no qual os intelectuais, pedagogos e especialistas de diferentes nações promoveram a circulação e a transferência de ideias sobre os modos de alcançar uma educação científica, defenderam os estudos comparados transnacionais sobre a educação e conceberam a criação dos museus pedagógicos como instrumentos estratégicos para atingir esses objetivos. As concepções e práticas dessa tipologia de museu apresentaram denominações, características e objetivos variáveis em conformidade com o país em questão; entretanto, a existência dessa instituição foi considerada pelos sujeitos envolvidos como justificativa para uma adequada implantação e disseminação da educação, especialmente da instrução primária. Nesse texto, analiso especialmente os escritos de Ferdinand Buisson sobre a criação do Museu Pedagógico na França e sobre as experiências em outros países, conhecidas por ele nas exposições universais (Barbuy 1996; Dittrich 2013; Kuhlmann Júnior 2001; Pesavento 1997) ou citadas de outros atores que estiveram em missões de estudos. As pistas deixadas por esse intelectual permitem esboçar um quadro no qual agentes de diversos países constituíram uma rede de sociabilidade (Sirinelli 2003) com vistas ao progresso da educação, onde os museus pedagógicos

¹⁹ Este capítulo foi originalmente publicado, com modificações, em inglês na revista *Paedagogica Histórica* (Possamai, 2019a) e se constitui em um dos resultados de pesquisa desenvolvida com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil).

foram considerados como instituições de extrema relevância para alcançar os objetivos propostos. O estudo insere-se em perspectiva transnacional (Dittrich 2013; Matasci 2016; Patel 2015) e busca enriquecer as abordagens que colocam em diálogo as contribuições de diferentes nações para a compreensão dos processos educativos e museológicos (Fontaine and Matasci 2015; Guillemoteau 1979; Majault 1978; POU CET 1996). Além disso, no âmbito da historiografia dos museus (Brefe 2005; Lopes 1997; Mairesse 2002; Pommier 1984; Poulot 1984, 1997, 2008; Schaer 1993), busca dar visibilidade a uma apropriação particular dessa instituição no âmbito da educação e parcamente estudada pelo campo museal (Bastos 2002; Berrio 2000). Os museus pedagógicos nacionais desafiam a compreensão da história dos museus que os mapeou como monumentos do passado – ao estabelecer um diálogo com os mortos, ou como lugar da aprendizagem artística e lugar de fruição das coleções de obras de artes (Poulot 2008). Embora possa ser caracterizado como um museu do noventa, cuja característica principal, segundo Dominique Poulot (2008), seria a busca de um ideal civilizatório, esses museus apresentam apropriações singulares da concepção de museu por parte dos sujeitos vinculados à educação. Nesse sentido, a ideia de *projeto museal* (Mairesse 2002) parece operacional para considerar o processo de concepção dessas instituições e o engajamento de atores sociais no sentido de concretizar seus ideais. O projeto museal do Museu Pedagógico de Paris, desse modo, configurou-se a partir da ação de diferentes sujeitos, entre os quais destacou-se Ferdinand Buisson. Assim, se por um lado a criação do museu moderno é percebida como a reconfiguração de coleções particulares, especialmente de obras de arte, tornadas públicas no âmbito de um movimento racional de construção de uma totalidade vinculada à nação (Poulot 2008), por outro lado, a trajetória de museus examinada em suas minúcias (Levi 1992) tem o potencial de tornar visíveis processos e dinâmicas particulares que escapam à essa compreensão geral e inserem-se em movimentos diversos que, por sua vez, articulam-se numa perspectiva transnacional. Desse modo, o movimento que articulou sujeitos de diversos países em torno da criação e consolidação dos museus pedagógicos nacionais dialoga com o movimento dos museus de História Natural e a consolidação de uma rede internacional entre os cientistas, efetivada por meio de viagens, intercâmbios de revistas e

correspondências, além da permuta de espécimes da flora e da fauna (Lopes 1997; Sanjad 2011). Desse modo, a imersão nos vestígios da história do Museu Pedagógico de Paris²⁰ possibilitou delimitar um movimento em escala transnacional de articulação dos sujeitos envolvidas na instrução pública no final do século XIX.

2. Diversas nações já têm museus pedagógicos

Ferdinand Buisson²¹ pode ser considerado o maior propulsor da criação do Museu Pedagógico da França, a partir de 1878²². Não era à toa que Ferdinand Buisson envolvera-se com a implantação do Museu Pedagógico no seu país. O ministro da Instrução Pública, Jules Simon, encarregou-o de organizar a parte francesa relacionada à instrução primária para a Exposição Universal de Viena de 1873. Sua escolha como comissário dessa grande mostra originou fortes críticas especialmente por parte da imprensa católica (Dittrich 2013). Entretanto, em Viena, Buisson concretizou seus planos de estudar as seções escolares estrangeiras e ofereceu um relatório detalhado sobre a situação da instrução primária, que enviou a vários países. Desse modo, consolidou sua participação em uma rede transnacional (Dittrich 2013). Com essa experiência adquirida, Buisson acabou por

²⁰ Os resultados aqui apresentados a partir dos escritos de autoria de F. Buisson derivam de investigação mais ampla e de consulta aos documentos do Museu Pedagógico nos Arquivos Nacionais da França, Sede Pierre-Lafitte.

²¹ Ferdinand Buisson, nasceu em 20 dezembro de 1841, em Paris, e morreu em 16 de fevereiro de 1932, em Thieuloy-Saint-Antoine. Licenciado em Letras e professor associado de Filosofia, Buisson recusara-se a prestar juramento de fidelidade à Napoleão III e, por esse motivo, teve que se refugiar na Suíça, onde lecionou entre 1866 e 1879, na Academia de Neuchâtel. Com a derrocada do Império, em 1872, Buisson foi nomeado inspetor do ensino primário de Sena pelo ministro Jules Simon (DUBOIS, 2000; BASTOS, 2000).

²² O processo de concepção e criação do Museu Pedagógico da França caracterizou-se como um processo não linear, no qual as idas e vindas foram constantes. Com a saída de Jules Simon do Ministério da Instrução Pública, em 1873, a continuidade do projeto até então colocado em curso havia sido interrompido. Entretanto, nesse mesmo ano Bardoux, nomeado como novo Ministro, previra no orçamento ministerial a criação do estabelecimento. Para maiores informações, ver Possamai (2015, 2019, 2019a) e Majault (1978).

dirigir, desta vez em 1876²³, a missão francesa da Exposição de Filadélfia, Estados Unidos. A missão de Buisson e mais cinco especialistas franceses visitou durante cinco semanas a grande exposição e durante seis semanas percorreu diversos estados norte-americanos e o Canadá com o intuito de visitar e conhecer as instituições escolares. Desta missão resultaram novos contatos e a solidificação de laços com especialistas norte-americanos, entre os quais se destacavam os nomes de John Eaton, diretor do Escritório Nacional de Educação e de John D. Philbrick, superintendente de educação (Buisson 1878a; Dittrich 2013).

Desse modo, Buisson acumulara exaustivo conhecimento sobre a instrução primária, assim como vivenciara o processo de formação das coleções de vários museus pedagógicos de outros países, originadas a partir dos artefatos expostos, e tirara lições desse aprendizado para a configuração do museu francês. A partir dessas experiências e do respaldo internacional, Buisson considerou os preparativos para a exposição de 1878, na França, uma oportunidade para o estabelecimento de um museu que viria a abrigar os objetos dos 27 países participantes da mostra. Assim, nesse mesmo ano, publicou dois textos condensados em *Le Manuel Général*, revista pedagógica semanal da Librairie Hachette, sob título *Projet d'établissement d'un Musée Pédagogique*²⁴. Para Joseph Majault (1978) a produção e publicação desses escritos constituiu-se na primeira etapa de

²³ No mesmo ano de 1876, F. Buisson assinava o primeiro contrato com a editora Hachette para a elaboração do Dicionário Enciclopédico de Pedagogia e Instrução Primária (DUBOIS, 2000). Conforme Dubois, concebido, inicialmente para ter mil páginas, a obra foi expandida para 4 volumes e teve sua sua edição concluída em 1887 com 4 mil páginas. A obra foi considerada por Pierre Nora (1984) como um dos *lugares de memória* da nação francesa, constituindo-se em documento da educação francesa do período (DUBOIS, 2000).

²⁴ A análise foi realizada a partir do documento datilografado consultado nos Arquivos Nacionais da França e a referência à publicação do escrito no boletim *Le Manuel Général*, em 2 de março e 6 de abril de 1878, foi encontrada em Majault (1978). O texto original contém sete páginas, sendo que na página 5 encontra-se novamente repetido o título, acrescido de "(2º article)". Não há referência de data nesse escrito e Ferdinand Buisson assinou o texto por suas iniciais.

preparação do Museu Pedagógico e consistia em uma campanha de imprensa com o objetivo particular de "prevenir os ataques ou convencer os hesitantes" (Majault 1978).

Assim, a primeira parte do escrito oferece informações sobre as iniciativas em outros países e a segunda parte historiciza o processo local de implantação do museu pedagógico francês. Segundo Buisson, a criação de um Museu Pedagógico ou Museu da Instrução Primária, em Paris, estaria entre os projetos que reuniram as características de utilidade prática e de fácil execução por ocasião da realização da Exposição Universal de 1878. Ressaltava ser a França o único país, entre aqueles que se preocupavam com a instrução popular, a não possuir uma instituição nesses moldes. A fim de demonstrar que as dificuldades francesas não seriam maiores que no estrangeiro, lista as experiências em diversos países, seguindo a ordem cronológica do surgimento dessas instituições em cada país abordado. Buisson cita as experiências de 11 países diferentes: Inglaterra; Canadá, Rússia, Itália, Áustria, Hungria, Alemanha, Suíça, Estados Unidos, Holanda e Bélgica²⁵. Através destas descrições, algumas mais detalhadas, outras nem tanto, o autor oferece pistas sobre os museus pedagógicos em emergência em países europeus e nas Américas naquele período.

O primeiro exemplo relatado encontra-se na vizinha Inglaterra, cujo Museu de South-Kensington Buisson considera como um depósito de modelos para utilização no ensino nacional das artes aplicadas à indústria. Segundo ele, a criação desse museu esteve diretamente vinculada à necessidade de fazer progredir o ensino de desenho industrial naquele País, logo após a Exposição Universal de 1851. Menciona que a Sociedade das Artes expandira a ideia, ao realizar uma exposição sobre objetos para o ensino em geral, cujo sucesso levou o novo museu a criar uma seção especial de educação com os objetos reunidos. Infere-se das palavras de Buisson, que voltará em opúsculo em separado a usar o museu londrino como exemplo para o museu francês, a preocupação com a formação de mão de obra no contexto da

²⁵ Nesses artigos, Ferdinand Buisson não menciona as fontes das informações compiladas por ele sobre os museus pedagógicos de diversos países. Pelas pistas no próprio texto, é possível perceber que as informações de alguns países foram obtidas por ocasião das exposições universais realizadas em Viena (1873), Filadélfia (1876) e Exposição Geográfica de Paris (1875).

revolução industrial inglesa. Assim, nas suas palavras, esse museu viria a atender a função de depósito ao reunir modelos diversos voltados ao ensino das artes e do desenho aplicado à indústria.

A experiência de Toronto, Canadá, é considerada por Ferdinand Buisson como um “verdadeiro museu” e “um estabelecimento central *sui generis*”. Segundo ele, o Museu de educação está aberto ao público e mantém dispostas em várias salas as coleções de livros, mapas, aparelhos escolares, instrumentos científicos para uso das escolas, fotografias e plantas das edificações escolares. Além disso, é um depósito de livros e materiais de ensino distribuídos aos estudantes pelos municípios. O *Educational Depository* adquiria em quantidade e a preço reduzido livros e materiais, repassados aos comitês locais que, por sua vez, distribuía às escolas, ao preço de custo. Essa estratégia permitia uma economia considerável para a população adquirir livros, cadernos, imagens, objetos e lição de coisas. Ferdinand Buisson considera o estabelecimento como modelo, destacando as duas seções: o museu pedagógico e a loja escolar. Além disso, o museu recebia e colocava para leitura do público as principais revistas pedagógicas de todos os países; oferecia publicidade gratuita a editores e autores; fornecia informações aos diretores das escolas para aperfeiçoamento pedagógico; auxiliava a montagem de exposições locais; realizava conferências e publicava boletins e catálogos.

O terceiro país mencionado no artigo de Buisson é a Rússia, cujo Museu Pedagógico das escolas militares fora criado em 1864 e, em 1871, tornara-se independente e anexado ao Museu Geral das Ciências aplicadas. Nas palavras do autor, a julgar pelos espécimes, mapas e fotografias apresentados por esse museu na exposição geográfica de Paris, ocorrida em 1875, esse seria um museu muito bem organizado. Nos seus estatutos constam os objetivos de recolher informações sobre material escolar e procedimentos empregados em diversos países com a finalidade de melhorar a instalação material e a organização pedagógica das escolas; de reunir todo tipo de objeto destinado ao ensino que mereça ser estudado ou copiado pelos especialistas ou simplesmente apreciado pelo público; de reunir e traduzir documentos estrangeiros para pesquisa. As coleções à disposição do público eram compostas por centenas de objetos destinados ao ensino de matemática, física, história natural, geografia, etnografia, história, além de milhares de vistas estereoscópicas para lição de coisas. Ainda

compunham o museu uma seção de mobiliário escolar, uma seção de higiene e uma biblioteca com 12 mil volumes.

Segundo Buisson, um comitê permanente, composto por um presidente e quatro membros, administra o museu russo e coordena uma dezena de comissões, encarregadas do estudo de séries de objetos. Desse modo, o museu mantém um inventário sistemático e fundamentado das riquezas escolares do mundo inteiro com a intenção de utilizar o mais apropriado às necessidades do país. Os objetos estão classificados em três categorias: necessários, úteis e admissíveis, embora não forneça maiores explicações sobre as características de cada um desses grupos. O museu estimula a fabricação nacional de materiais escolares a preços mais baixos; emite certificados a aparelhos submetidos a seu exame; publica boletins; organiza exposições locais; participa de exposições estrangeiras; realiza conferências e palestras populares, cujos resumos eram publicados como pequenas brochuras e distribuídas ao público.

Ferdinand Buisson ainda aborda as experiências da Itália e da Áustria, cujos museus teriam sido originados a partir da Exposição Universal de Viena, ocorrida em 1873. Pretende, desse modo, reforçar a ideia de que a Exposição vindoura a se realizar em Paris constitui-se em oportunidade para a criação do museu francês. Menciona que Ruggiero Bonghi, delegado italiano na Exposição de Viena, concebera a ideia e obtivera de vários países suas exposições escolares para comporem o futuro museu; quando retornou à Roma, o museu foi oficializado, em 1874, instalado no antigo Colégio romano e passou a receber uma dotação orçamentária anual. Aberto ao público no ano seguinte, o museu publicou inicialmente o boletim *Giornale del museo d'istruzione*, mais tarde reunido sob o boletim oficial do ministério; realizava conferências; possuía uma biblioteca circulante; emprestava modelos e aparelhos aos municípios. Com a saída de Bonghi do ministério italiano da Instrução Pública, posto ao qual permaneceu entre 1874 e 1876, Buisson expressa o desejo de que o início muito brilhante do museu de Roma não venha a ser comprometido por mudanças de administração²⁶.

²⁶ Sobre o Museu da Instrução e da Educação, inaugurado em 1875, em Roma, Itália, ver Barausse (2019).

O autor segue seu rol de museus pedagógicos e aborda o Museu Real e Imperial das Artes Industriais, criado na Áustria sob inspiração do museu londrino, pois aproveitara a mostra internacional de 1873 para receber muitos objetos deixados pelos países expositores. Suas riquezas puderam ser vistas, três anos depois, na Exposição da Filadélfia através de imagens fotográficas, relata Buisson. Assim como esse museu, as demais experiências são apresentadas por Ferdinand Buisson também de modo sucinto. Sobre o Museu internacional da Instrução de Pesth, na Hungria, menciona os esforços para manter a permuta de publicações e de aparelhos escolares. Sobre a Alemanha menciona a existência de vários museus análogos aos anteriormente descritos; chama a atenção para o Depósito real, similar ao de Viena, localizado em Munique e para uma exposição permanente de livros e aparelhos de ensino realizada em Berlim e sobre a qual não tem maiores informações. Sobre a Suíça, menciona que esta realiza desde 1873 exposições permanentes de materiais de ensino em Zurique e, como a França, optou por privilegiar o ensino primário, em detrimento do secundário e superior. Menciona o museu com um fundo considerável em Amsterdam, Holanda, bem como noticia os planos de um novo edifício municipal em Bruxelas para receber um grande museu escolar, organizado pela Liga do Ensino e que conterà salas de leitura, cursos públicos e conferências pedagógicas, entre outras atividades.

Sobre os Estados Unidos, faz menção ao Museu Internacional da Educação, instalado no mesmo local da grande exposição e lembra a existência do Escritório Internacional de Educação de Washington, dirigido há 8 anos pelo General Eaton. Ao que tudo indica o Escritório de Washington não merece maior consideração de Buisson nesse escrito. No relatório da missão aos Estados Unidos mencionara as dificuldades vivenciadas por essa instituição auxiliar do Ministério da Educação e responsável por reunir as informações sobre as escolas, métodos de ensino e tudo mais que envolvesse o progresso da educação no território norte-americano. Trata com maior detalhamento a biblioteca pertencente ao Escritório e que reunia na ocasião uma coleção composta por enciclopédias, obras pedagógicas, de Literatura e Arte; relatórios e jornais das diversas escolas do território norte-americano; relatórios provenientes de diferentes países, entre os quais a França e outros países europeus e de países

americanos, tais como Argentina e Brasil. Além disso, menciona o desejo de John Eaton que se estabeleça entre o seu país e a França um intercâmbio de publicações e informações sobre a educação (Buisson 1878).

Projet d'établissement d'un Musée Pédagogique, assim como os relatórios das missões internacionais produzidos por Ferdinand Buisson, explicita uma prática que se inseria num movimento bastante comum no século XIX de intercâmbio entre os países na perspectiva dos estudos comparativos e no aprendizado de saberes e práticas com outras nações. Segundo Matasci (2016) essas trocas ocorriam por meio das missões educativas, pelas exposições internacionais que possuíam uma seção especial dedicada à educação (Dittrich 2013; Kuhlmann Júnior 2001) e também através dos congressos internacionais de educação. No centro das preocupações de intelectuais, pedagogos e especialistas estava a implantação dos sistemas nacionais de educação e a necessidade de aprender com o exterior sobre aqueles aspectos que viessem a solucionar os problemas internos levantados (Matasci 2016).

Além disso, o momento de produção e publicação desses escritos por Ferdinand Buisson, bem como a própria criação do Museu Pedagógico, estão inseridos no contexto de um debate liderado pelos republicanos franceses, logo após assumirem o poder, quando estão em jogo as decisões sobre a implantação das leis Ferry que instituíram a escola obrigatória, laica e gratuita, nos anos posteriores de 1881 e 1882. A comparação internacional era acionada para demonstrar o atraso francês na instrução primária em relação a outros países (Matasci 2016). Do mesmo modo, Ferdinand Buisson tentava demonstrar que a França também estava atrasada diante das outras nações em relação ao museu pedagógico, concebido como instrumento do progresso educacional das nações.

3. Um museu pedagógico para a França

Ferdinand Buisson encerra esse primeiro texto, repetindo o dito no início, qual seja que todos os países preocupados com a instrução primária têm o seu museu nacional de instrução primária. Ao iniciar o segundo texto, deixa claro que embora a França seja quase a única grande nação a não possuir um museu pedagógico, não é porque

ela seja a última a conceber esse projeto ou a colocá-lo em prática (Possamai 2015). Em sua retórica entusiástica para a criação da instituição, agrega as vantagens para a França em possuir uma instituição nos moldes do escritório de Washington, conhecido por ocasião da missão francesa que coordenara na mostra internacional da Filadélfia. Ademais, Ditrich (2013) mostra que na década de 1870 França e Estados Unidos compunham uma rede de atores voltados ao desenvolvimento da instrução primária e que Buisson admirava diversos aspectos da educação republicana norte-americana que conhecera por ocasião daquela missão. Desse modo, a experiência norte-americana suscitou a criação por incentivo do ministro Bardoux de um escritório de estatística, cuja direção fora confiada a Buisson (Majault 1978). Entretanto, observa-se que o projeto museal de Ferdinand Buisson reúne as características de diversas experiências apresentadas anteriormente por ele nesse escrito. Assim, ele idealiza um único estabelecimento composto por museu pedagógico, depósito de arquivos escolares e um escritório central de informações sobre a instrução. Na ausência de um projeto melhor delineado, é possível perceber que as práticas levadas a efeito em diferentes países servem como modelos para a instituição concebida por Ferdinand Buisson.

Mesmo que não houvesse um delineamento preciso da configuração da futura instituição, é mister na narrativa de Buisson aproveitar a oportunidade oferecida pela realização da Exposição Universal em Paris. Estando o museu oficializado, Buisson pensava poder solicitar aos expositores, antes do fechamento da grande mostra, que os materiais fossem deixados para a nova instituição. Argumenta, nesse sentido, ao relembrar, mesmo repetindo-se, processos similares ocorridos na Exposição de Viena, quando os expositores deixaram seus artefatos aos museus em vias de implantação, em Viena e em Roma. Além disso, enfatiza que na Exposição estarão presentes os membros do júri e os delegados de diferentes países, constituindo-se essa em uma ocasião propícia para a efetivação de trocas e intercâmbios, potencializados pelo contato pessoal entre os participantes. O autor finaliza seu escrito ao considerar que a opinião pública saberá reconhecer os esforços dispendidos pela administração para agregar à Exposição industrial um aproveitamento real, lições permanentes e ensinamentos àqueles encarregados de instruir a juventude.

Segundo Majault (1978), dois meses após a publicação desses artigos, o ministro Bardoux apresentou na Câmara dos Deputados projeto de lei para criação do Museu Pedagógico, cuja exposição de motivos continha os mesmos argumentos dos artigos de F. Buisson. Entretanto, o projeto é devolvido ao governo por não ser considerada matéria legislativa. Sem a institucionalização do museu como desejava, mesmo assim Buisson não perdeu a oportunidade de receber as doações dos países expositores na Exposição Universal, sendo autorizado pelo ministério a proceder aos contatos necessários para tanto. Assim, diversas nações deixaram para o futuro museu francês as coleções que expuseram em Paris, entre as quais o Escritório de Washington e o Museu de South-Kensington (Majault 1978). Dessa forma, a reunião de materiais escolares diversos e provenientes de vários países configurava uma coleção inicial para o museu pedagógico a ser criado e, em outubro de 1878, Buisson foi incumbido de organizá-lo (Majault 1978).

Os acontecimentos que seguiram oportunizaram a criação efetiva do museu pedagógico francês, bem como a consolidação do prestígio de Buisson no Ministério, que ainda por ocasião da Exposição Universal realizada em Paris, fora promovido a inspetor geral do ensino primário. Em fevereiro de 1879, assumia o novo ministério republicano, do qual fazia parte o novo Ministro da Instrução Pública, Jules Ferry (Ozouf 2014). No mesmo mês, Buisson assumiu o posto de diretor do ensino primário. Desse modo, os republicanos franceses alcançavam no contexto nacional o espaço que já haviam conquistado em âmbito internacional (Dittrich 2013) e passaram a reorganizar a instrução pública nacional em consonância com seus princípios (Dubois 2000).

Desse modo, coube a Jules Ferry completar a obra de seu predecessor, solicitando ao Presidente da República, Jules Grévy, a oficialização e instalação em edifício pertencente ao Estado da nova instituição composta por um museu, uma biblioteca, arquivos históricos, estatísticos e pedagógicos. O decreto²⁷ de 13 de maio de 1879 previu, no seu artigo primeiro, a criação no Ministério da

²⁷O decreto foi assinado pelo Ministro Jules Ferry em nome do presidente da República Jules Grévy.

Instrução Pública de um Museu Pedagógico e uma biblioteca central do ensino primário, compostos por coleções diversas de materiais escolares, documentos históricos e estatísticos e livros escolares provenientes da França e do exterior. O artigo segundo previa que a direção da instituição seria confiada a um inspetor geral do ensino primário, externo ao quadro de servidores. Por fim, o artigo terceiro, encarregava o Ministério da Instrução Pública e das Belas Artes da execução do referido decreto. Estava assim oficializada a fundação do Museu Pedagógico da França²⁸.

4. O Museu de South-Kensington, um modelo para Buisson?

Após a criação do Museu Pedagógico em Paris, um opúsculo publicado por Ferdinand Buisson em 1879 e intitulado *Le Musée Pédagogique de Paris et celui de South-Kensington à Londres*, oferece outras pistas sobre a apropriação francesa de ideias e práticas de museus pedagógicos de outros países.

F. Buisson visitara o Museu de South-Kensington em outubro de 1878, logo após ser incumbido de organizar o museu francês. Neste opúsculo, além de abordar o museu londrino, o autor apresenta breve notícia sobre o Museu Pedagógico, criado junto ao Ministério da Instrução Pública e do qual faz parte uma biblioteca do ensino primário, abordando sua localização, suas coleções e os jornais disponíveis para consulta. Primeiramente, informa que o museu está instalado no Palácio Bourbon, em salas emprestadas pela Câmara dos Deputados e deverá deixar esse local, no mês de outubro. Tendo em vista não haver espaço nas dependências do ministério, o museu deverá ser instalado no antigo Colégio Rollin, na Rua Lhomond 42, Paris, onde aguardará a instalação definitiva em edificação do estado. Após, relaciona os objetos já reunidos pelo museu: tábuas escolares; aparelhos para lição de coisas; mapas; modelos diversos. Destaca a biblioteca composta por livros provenientes dos Estados Unidos, Canadá, Áustria, Suíça, Itália e Rússia, além de obras francesas

²⁸ Majault (1978) ressalta que esse segundo projeto difere daquele apresentado por Bardoux em 1878 por não abarcar o serviço de estatística, que ficara com o quinto escritório da direção do ensino primário, restringindo-se, desse modo, a apenas dois serviços: museu e biblioteca.

colocadas à disposição do Ministério por autores e editores. Ressalta, ainda, que a reunião de jornais pedagógicos da França e do exterior irão compor, em breve, um conjunto de informações sobre o ensino popular. Uma lista de jornais pedagógicos estrangeiros, provenientes da Bélgica, Suíça, Itália, Holanda, Espanha, Áustria, Alsácia-Lorena, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Grécia, Peru, recebidos no Museu Pedagógico de Paris encerra a publicação.

Na sequência, Ferdinand Buisson afirma que considera de interesse mostrar o Museu South-Kensington de Londres e os recursos que este oferece às pessoas dedicadas ao ensino. Informa que os aspectos a serem anunciados sobre o museu britânico são citação de uma publicação apresentada ao Ministro da Instrução Pública por Benjamin Buisson, seu irmão e antigo aluno da Escola Normal superior, oficial de Academia que fora encarregado pelo ministério de uma missão pedagógica na Inglaterra, onde permaneceu por vários anos²⁹.

A coleção de objetos relativos à educação do Museu de South Kensington fora doada pela Sociedade das Artes, que realizara uma exposição em Saint Martin Hall, em 1854. Muitos objetos expostos foram doados ao governo e formaram o embrião do Museu Pedagógico. As coleções foram incrementadas graças às contribuições voluntárias dos grandes editores. Após a Exposição Internacional de 1871 e a exposição de objetos e aparelhos científicos, ocorrida em 1876, as coleções se enriqueceram consideravelmente através de doações e da compra de um grande número de objetos. Entre os principais doadores estava o Príncipe Albert, cujo precioso patrocínio contribuiu poderosamente para a criação e a organização de todo o museu, sobretudo a parte especialmente destinada a incentivar o ensino científico e artístico.

Um catálogo oficial continha a relação com classificação dos objetos, de modo a facilitar a busca de informações e comparações entre eles. Cada objeto era etiquetado separadamente com indicação de denominação, função, preço no comércio, nome do doador ou expositor, endereço do fabricante ou editor. Desse modo, a coleção do

²⁹Segundo Ferdinand Buisson, essas informações foram obtidas com A. C. King, membro da Sociedade dos Antiquários e conservador do Museu de Londres, mas também constam referências no texto de Buisson de relatórios e catálogos daquele museu, disponíveis no Museu Pedagógico de Paris.

museu era composta por: modelos de prédios escolares e de mobiliário escolar, onde se destacavam modelos de determinadas escolas; plantas de diversas escolas; outros objetos para o ensino elementar (mesas, carteiras escolares, quadros negros, relógios de escola, objetos para lição de coisas, jogo de paciência instrutivo, alfabetos móveis, material para escrita; aparelhos de ginásticas); jogos para jardim de infância; aparelhos científicos e instrumentos de precisão (pequenos modelos de máquinas); além da coleção já existente, esta foi enriquecida pela aquisição mediante doação, empréstimo ou compra de uma boa parte dos objetos exibidos na exposição especial de instrumentos científicos de 1876; fotografias dos instrumentos astronômicos do observatório naval de Washington (EUA); instrumentos científicos inventados por Griesbach para explicar o fenômenos do som; fotografias de aparelhos científicos pertencentes a diversas universidades e museus da Itália; relógio sideral, cronômetro, microscópios, aparelhos acústicos; aparelhos que mostram a evolução da telegrafia; pesos e medidas antigos e modernos; máquinas de calcular, entre outros.

Além desses materiais, o museu possuía uma biblioteca especial de educação com mais de 38 mil volumes, frequentada por um grande número de professores, estudantes, alunos das escolas profissionais e secundárias. Sobre a mesa principal da sala de leitura da biblioteca ficavam disponíveis os últimos números de todos os principais jornais de educação e as melhores revistas pedagógicas da Inglaterra e do exterior, além de estudos estatísticos relativos ao ensino. Localizavam-se na entrada da biblioteca dicionários e livros clássicos de instrução elementar e secundária. Estatísticas dos últimos três anos mostravam o número de leitores que frequentaram a biblioteca: em 1876, 20.986 leitores; em 1877, 22.003, e em 1878, 24.791 leitores (entre os quais: 5.812 professores; 10.009 estudantes; 8.940 outros leitores). Continua B. Buisson informando que a entrada ao museu é gratuita três vezes por semana, das 10 horas da manhã às 19 horas da noite. Nos três outros dias da semana, está aberto gratuitamente aos estudantes munidos de carteira e ao público médio por “6 pence (60 centimes)”. O museu não é aberto aos domingos, mas a Sunday Society presidida por Sir Henry Thompson tem unido esforços

para abrir os museus e as bibliotecas às classes populares³⁰. Conforme B. Buisson, o Museu de Kensington constituía-se também em um centro de ensino propriamente dito e conferências pedagógicas, sobretudo cursos de ciências e de arte, eram ali realizados para desenvolver o gosto artístico e os conhecimentos científicos elementares nas classes industriais. As respostas a um questionário endereçado a todas as pessoas que frequentaram os diversos cursos pedagógicos de South-Kensington indicaram que uma parte considerável dos estudantes tiveram um bom aproveitamento.

De acordo com o relator, além de oferecer formações o Museu de Kensington havia sido um grande escritório central de informações para as autoridades escolares da metrópole e do interior, quando o Ato da Educação Elementar de 1870³¹ impôs uma preocupação crescente com o mobiliário escolar na Inglaterra. Desse modo, o Museu Pedagógico de Londres exercia, no contexto, uma influência considerável para além da metrópole funcionando, ainda, como um escritório de ensino, onde os profissionais desse campo poderiam realizar consultas com a finalidade de resolver dúvidas sobre determinados assuntos.

O museu mantinha um serviço de empréstimo às escolas, conforme demonstra os dados de 1877. Nesse ano, 665 quadros foram emprestados às escolas provinciais e circularam por 80 cidades do Reino Unido; 679 objetos de arte, serviram como modelos de desenho e mais 320 livros de arte foram também emprestados contra garantia a grupos escolares diferentes. Além disso, estava entre suas atividades: solicitar recursos ao Estado para incentivar professores, alunos, associações de arte e ciência; realizar exposições provinciais. Entretanto, o Museu teria ainda maiores ambições, segundo B. Buisson:

[...]É um centro de estudos acessível e atrativo, onde se retorna espontaneamente, onde se encontram

³⁰ Depreende-se que este seria um movimento para abrir os museus e bibliotecas em geral. Entretanto, o texto não detalha os motivos da não abertura dessas instituições aos domingos.

³¹ Esse ato consolidou, na Inglaterra, a interferência estatal na educação elementar. Mais que ampliar o acesso à escola, pois 70% das crianças inglesas já estavam escolarizadas, esse ato fez chegar a escola pública até localidades nas quais não estava presente (GOUVÊA, 2013).

centralizados e metodicamente organizados, além dos objetos de educação, todos os manuais, jornais, livros gerais e especiais para o ensino e para a pesquisa. É um gabinete confortável de leitura e de trabalho concebido num espírito democrático, onde o mestre que quer preparar sua aula do dia seguinte pode se encontrar com o aluno que revisa aquela da véspera; onde o professor do ensino secundário encontra o modesto professor primário[...]³²

Compreende-se as metas ambiciosas para esse museu ao inseri-lo no âmbito de um empreendimento educacional ousado, liderado pelo Príncipe Alberto e por Henry Cole. O Museu South Kensington surgiu em seu lugar atual em 1857 e, em 1899, recebeu o nome de seu principal benfeitor e da rainha da Inglaterra, passando a denominar-se *Victoria and Albert Museum* (Barringer 1998). Segundo Bruce Robertson (2004), o museu surgiu a partir do sucesso da Exposição Universal de 1851, realizada em Londres, e do desejo de reunir de modo permanente a riqueza então mostrada. O Príncipe inglês começara a conceber tal ideia ainda no período da Exposição e planejava reunir na região de South-Kensington os museus nacionais, as sociedades científicas subsidiadas pelo governo nacional e diversas escolas em um complexo similar a uma universidade. Dezenas de instituições candidataram-se para compor o empreendimento, entre as quais a Sociedade Geológica, a Sociedade das Artes, a Sociedade dos Antiquários, a Galeria Nacional e a Universidade de Londres. No âmbito do projeto residia a preocupação com o aprendizado concebido numa

³²“[...]C’est un centre d’études d’un abord facile et attrayant, où l’on revient volontiers, où l’on trouve centralisés et méthodiquement disposés, outre les objets d’éducation, tous les manuels, tous les journaux, tous les livres généraux et spéciaux d’enseignement et de recherches. C’est un confortable cabinet de lecture et de travail conçu dans un sprit tout à fait démocratique, où le maître qui veut préparer sa leçon du lendemain peut se recontrer avec l’élève qui repasse celle du jour ou de la vieille, où le professeur de l’enseignement secondaire ne craint pas de coudoyer le modeste instituteur primaire [...]” (Buisson 1879).

junção entre arte e ciência com vistas ao aperfeiçoamento dos ofícios industriais.

Na visão de Alberto e Cole, o museu era um empreendimento educacional, no qual a presença dos objetos tornava possível o ensino voltado para as artes e o design, em prerrogativa pragmática de desenvolvimento das indústrias. O complexo edificado nas décadas que seguiram à fundação do Museu de South Kensington (Victoria and Albert Museum) era mais abrangente e reunia naquele espaço *The Natural History Museum* (1864); *The Science Museum* (1909); *Royal Albert Hall* (1867); *Royal College of Organists* (1903); *Royal College of Music* (from 1883); *Royal College of Art* (criado em 1857 e alterado nome em 1897); *Royal School of Needlework* (1875), entre outras instituições (Robertson 2004).

Conforme Barringer (1998), a exposição de 1851 enfatizou a importância do Império Britânico e das relações comerciais com suas colônias, entre as quais a Índia fora aquela que maior área ocupara no Palácio de Cristal. A riqueza e o exotismo do design indiano foram ponto de destaque na mostra e finda a Exposição, nos próximos cinquenta anos, o edifício construído para abrigar o Museu South-Kensington viria a centralizar a exibição das coleções de objetos formadas a partir dos tributos imperiais pagos pelas regiões coloniais submetidas. Ainda segundo esse autor, o museu criara uma representação ordenada de um mundo em miniatura, ao reunir em um único espaço, localizado em Londres como centro do Império, objetos provenientes da Índia, do Sudeste Asiático, da China, do Japão, além das artes finas e decorativas europeias. Além disso, efetivou um ideal de organização de uma diversidade cultural mantida sob seu poder ao caracterizar um “arquivo imperial tridimensional”, conforme sugestão do autor (Barringer 1998).

Essa provavelmente tenha sido a visão que encantara B. Buisson ao referir-se ao museu como “palácio do povo”, lugar onde todas as classes podem se encontrar, configuradas internamente pelos operários das indústrias e, externamente, pelos povos de diferentes culturas provenientes dos domínios coloniais ingleses. Essa visão encontrava ressonância nos ideais de Ferdinand Buisson que havia se encantado com a educação republicana norte-americana, na qual o ideal individualista de educação para todos os cidadãos não combinava com uma sociedade dividida em classes (Dittrich 2013). Por outro lado,

a visão do museu como lugar onde a ciência seduz a despreocupada ignorância coadunava-se com o ideal civilizatório e científico do período, quando se depositava nesse espaço a expectativa de que contribuísse para o desenvolvimento de uma ciência da educação.

Desse modo, o museu londrino chamou atenção de Ferdinand Buisson como mais um modelo a inspirar a prática francesa na implantação do seu museu pedagógico. Buisson havia conhecido aspectos desse museu nas exposições internacionais que visitara, tanto é que o cita no primeiro documento aqui mencionado. Acredito que o detalhamento fornecido por B. Buisson sobre o museu de South-Kensington em seu relatório, faz Ferdinand Buisson eximir-se de elaborar um relatório de próprio punho de sua visita à Londres. Assim, pareceu considerar oportuna a publicação, juntamente com breves informações sobre o museu francês, recém-criado oficialmente.

É possível imaginar que os modelos internacionais descritos por Ferdinand Buisson em seus escritos e publicações vieram a inspirar a criação do Museu Pedagógico de Paris, o que permite pensar que muitas poderiam ser as funções reunidas em uma única instituição sob denominação Museu Pedagógico. Por outro lado, não é fácil perceber os aspectos apropriados e as transferências efetivadas de outros museus para a experiência francesa. Alguns pontos de aproximação, entretanto, podem ser levantados.

Os detalhes fornecidos sobre a biblioteca do museu londrino mostram que tal seção foi considerada relevante pelos especialistas franceses e, de fato, o decreto de 1879, acima mencionado, previu a criação de um museu pedagógico conjuntamente com uma biblioteca central do ensino primário, aspecto que demonstra a importância em reunir livros e publicações produzidas na França e no estrangeiro sobre educação no novo espaço, configurada na aquisição dos livros e documentos de J. J. Rapet (Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux Arts, Rapport au Président de la République Française par Jules Ferry, 1879).

Em 1881, Jules Ferry publica o Regulamento do Museu Pedagógico e da Biblioteca Central do Ensino Primário, discutido e definido pelo Conselho de Administração daquela instituição em seção de 11 de julho de 1881. O artigo primeiro desta norma define que o "*Musée Pédagogique constitue un centre d'informations sur*

l'enseignement primaire, tant en France qu'à le étranger"³³. (Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux Arts, Reglement Interieure du Musée Pédagogique et de la Bibliothèque Centrale de l'Enseignement Primaire 1881). Desse modo, são apropriadas para a instituição francesa as definições de South-Kensington Museum, além do Escritório Nacional de Educação de Washington. O artigo segundo mencionava as quatro seções que compõem o Museu: (1) Material escolar (plantas de prédios escolares; mobiliário de salas de aula; (2) Aparelhos de ensino (quadros, modelos, coleções geográficas, científicas e tecnológicas);(3) Biblioteca central (livros para os professores, livros para os alunos, biblioteca escolar e biblioteca popular);(4) Documents relativos a história da educação.

As três primeiras seções não diferem da composição de outros museus pedagógicos descritos por Ferdinand Buisson, conforme visto anteriormente. Entretanto, nesse documento, a quarta seção, por não apresentar maior detalhamento, deixa incerta o seu conteúdo, pois pode-se interpretar ser esta composta por documentos mais recuados no tempo ou por documentos contemporâneos a serem recolhidos pela instrução pública. De qualquer forma, não se explicita a função de elaboração de estudos estatísticos conforme o Escritório de Washington, aspecto que diferencia o museu francês do seu correlato norte-americano.

No quarto artigo, o documento define que as coleções do museu são formadas através de doações de fabricantes, autores e editores; pelo envio do Ministério da Instrução Pública e outros órgãos ministeriais, além de administrações escolares do estrangeiro; pelas aquisições que o Conselho de Administração julgar relevante. Além disso, o museu recebe como depósito temporário livros e objetos para o ensino que os editores desejarem divulgar. (Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux Arts, Reglement Interieure du Musée Pédagogique et de la Bibliothèque Centrale de l'Enseignement Primaire 1881).

O artigo 7 é particularmente interessante por definir o público alvo do Museu Pedagógico. Informa que o museu está aberto das 10h

³³ "Museu Pedagógico constitui-se em um centro de informações sobre o ensino primário, tanto na França como no estrangeiro." (tradução livre da autora).

às 16h, todos os dias (exceto segunda-feira) às pessoas munidas de uma carteira de trabalho, emitida pelo museu ou pela Direção do Ensino Primário, do Ministério da Instrução Pública. O público em geral poderia frequentar o museu aos domingos e quintas-feiras. É possível perceber, desse modo, que o museu estava direcionado especialmente a um público específico, pois há uma preocupação em definir com precisão no seu Regulamento aqueles que tinham acesso irrestrito ao museu, ou seja, aquelas pessoas autorizadas pelo próprio museu ou pelo órgão do Ministério da Instrução responsável pelo ensino primário. Depreende-se daí que o público alvo da instituição era composto pelas pessoas vinculadas de alguma forma à educação, tais como professores, especialistas, funcionários de escolas, entre outros (Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux Arts, Règlement Interieure du Musée Pédagogique et de la Bibliothèque Centrale de l'Enseignement Primaire 1881). Desse modo, os republicanos franceses delineavam a missão do Museu Pedagógico nos moldes de outros museus que Ferdinand Buisson tivera conhecimento, em especial o museu inglês, voltado para a formação para o trabalho industrial. No contexto francês, entretanto, a preocupação maior concentrava-se na formação de professores necessários à implantação das novas leis de educação. Nesse sentido, ficou determinado que parte dos livros comporiam uma biblioteca circulante, ou seja, os livros poderiam ser emprestados aos candidatos que desejassem preparar-se aos exames para o posto de professores (Possamai 2019a, 2019b). Essa biblioteca demonstra a utilização do Museu Pedagógico em prol do progresso da educação, conforme era desejo de Ferdinand Buisson e seus antecessores. Aprovadas as leis da escola obrigatória e gratuita, impunha-se a necessidade de professores e, conseqüentemente, a realização de exames de admissão ao professorado. A aquisição e o serviço de empréstimo de livros, nesse sentido, viriam a resolver a preparação dos candidatos espalhados pelo país.

Assim, embora diversos modelos internacionais tenham inspirado a criação do museu francês, o Museu Pedagógico de Paris delineia-se conforme as necessidades da educação nacional. É interessante notar que no projeto museal de 1872, discutia-se sobre o acesso do público às coleções do museu e ficara decidido que apenas os livros poderiam circular sob forma de empréstimo (Possamai 2015). O Decreto de 1879 não criara a biblioteca como "circulante". Daí

depreende-se que esta somente foi instituída quando a necessidade de formação dos candidatos se impôs aos membros do Ministério republicano.

5. Um centro de informações sobre o ensino e uma biblioteca circulante.

Os escritos de Ferdinand Buisson permitiram caracterizar uma rede transnacional de sujeitos ligados à instrução pública, que promoveram a circulação de ideias e a transferência de práticas e artefatos educativos, no âmbito do delineamento de um projeto museal particular. Desse modo, as experiências estrangeiras eram apropriadas no sentido do aperfeiçoamento de processos que ainda não haviam sido desenvolvidos em nível nacional. O contato, *in loco* ou através das exposições universais, possibilitou a Ferdinand Buisson conhecer as práticas em curso e seguir determinados aspectos dos modelos da Inglaterra e dos Estados Unidos para propor o projeto do Museu Pedagógico de Paris.

Inseridos no movimento científico e civilizatório dos museus do século XIX, os museus pedagógicos nacionais, por outro lado, caracterizaram-se por uma apropriação singular da noção de museu, menos vinculada ao desejo de conservação e fruição e mais preocupada com o desenvolvimento educacional da nação. O projeto museal do Museu Pedagógico francês fora traçado como um centro de informações e pesquisa, destinado à formação de educadores necessários para a implantação da instrução pública. Sob a denominação de Museu Pedagógico esse projeto museal reunia uma pluralidade de desejos, ideais e sonhos, todos postos a serviço de um ideal maior: a educação republicana colocada em prática através da escola pública.

Foram raros os museus pedagógicos nacionais que subsistiram ao tempo, a exemplo do Museu da França, hoje Museu Nacional de Educação, localizado em Rouen. Os ideais dessas instituições eram tão ambiciosos que, atualmente, é possível ver muitas de suas funções exercidas no âmbito de diversos órgãos dos ministérios de educação de muitos países. Para a historiografia dos museus são exemplos de histórias transnacionais e conectadas em diversos continentes que apresentam aspectos diferenciados do conhecimento que se tem do

século XIX. Para a Museologia, são experiências remotas que se preocuparam com questões colocadas na ordem do dia dos museus e da Museologia apenas na segunda metade do século XX, ou seja, os museus como instrumentos para o desenvolvimento das sociedades. Isso demonstra que a história dos museus e da Museologia sempre nos ensinará a não pensarmos que inventamos a roda, pois sempre aqueles e aquelas que vieram antes de nós tem algo a nos dizer, seja para nos inspirar ao porvir, seja para não cometermos seus mesmos erros.

Bibliografia

Babelon, Jean-Pierre. (1984). “Le Louvre: Demeure Des Rois, Temple Des Arts.” In *Les Lieux de Mémoire*, Paris: Gallimard, 169–213.

Barbuy, Heloisa. (1996). “O Brasil Vai a Paris Em 1889: Um Lugar Na Exposição Universal.” *Anais do Museu Paulista* 4(jan. dez): 211–61.

Barringer, Tim. (1998). “The South Kensington Museum and the Colonial Project.” In *Colonialism and the Object: Empire, Material Culture and the Museum.*, ed. Routledge. London/New York: Tom Flynn (orgs.), 11–27.
<https://books.google.com.br/books?id=eF0HOyvZH6MC&lpq=PA11&ots=A0Iqy05nGX&dq=souht+kensington+museum&lr&hl=pt-BR&pg=PA11#v=onepage&q=souht+kensington+museum&f=false>.

Bastos, Maria Helena Camara. (2002). *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. ed. EDUSF. Bragança Paulista.

Berrio, Julio Ruiz. (2000). “Hacia Una Tipologia de Los Museus de Educación.” In *El Libro y La Educación*, Alcalá: Asociación Nacional de Editores de libros y Materiales de Enseñanza: Asociación Nacional de Editores de Libros y Materiales de Enseñanza.

Brefe, Ana Claudia Fonseca. (2005). *Museu Paulista: Affonso de Taunay e a Memória Nacional*. São Paulo: UNESP/Museu Paulista.

Buisson, Ferdinand. (1878a). “Projet d’établissement d’un Musée Pédagogique.”

———. (1878b). “Rapport Sur L’Instruction Primaire à L’Exposition Universelle à Philadelphie En 1876.”

———. (1879). *Le Musée Pédagogique de Paris et Celui de South-Kensington a Londres*. ed. Librairie Classique de Paul Dupont. Paris.

Dittrich, Klaus. (2013). “As Exposições Mundiais Como Meios Para a Circulação Transnacional de Conhecimentos Sobre o Ensino Primário Durante a Segunda Metade Do Século 19.” *Historia da Educacao* 17(41): 213-34.

Dubois, Patrick. (2000). “Le Dicctionaire de F. Buisson et Ses Auteurs (1878-1887).” *Histoire de l’éducation* (85): 25-47.

Fontaine, Alexandre, and Damiano Matasci. (2015). “Centraliser, Exposer, Diffuser : Les Musées Pédagogiques et La Circulation Des Savoirs Scolaires En Europe (1850-1900).” *Revue germanique internationale* (21): 65-78. <http://journals.openedition.org/rgi/1515>.

Guillemoteau, Julie. (1979). “Du Musée Pédagogique Au Institut Pédagogique National (1879-1956).” *Saint-Yrieix-la-Perche: Centre National de Documentation Pédagogique*.

Kuhlmann Júnior, Moysés. (2001). *As Grandes Festas Didáticas: A Educação Brasileira e as Exposições Universais (1866-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.

Levi, Giovanni. (1992). “Sobre a Micro-História.” In *A Escrita Da História: Novas Perspectivas*, São Paulo: Editora da UNESP, 133-61.

Lopes, Maria Margaret. (1997). *Brasil Descobre a Pesquisa Científica*. São Paulo: Hucitec.

Mairesse, François. (2002). *Le Musée: Temple Spectaculaire*. Lyon: Presses Universitaire de Lyon.

Majault, Joseph. (1978). *Le Musée Pédagogique: Origines et Foundation*

(1872-1979). Paris: CNDP.

Matasci, Damiano. (2016). “França, a Escola Republicana e o Exterior: Perspectivas Para Uma História Internacional Da Educação No Século 19.” *Historia da Educacao* 20(50): 139–55.

Ministère de l'instruction publique et des beaux arts (1879). *Rapport au présidente de la république française par Jules Ferry*. Paris, France; Musée Pédagogique.

Ministère de l'instruction publique et des beaux arts (1879). *Bulletin administratif du ministère de l'instruction publique et des beaux arts - histoire de l'instruction primaire*. Paris, France; Musée Pédagogique.

Ministère de l'instruction publique et des beaux arts (1882). *Avis, extrait du bulletin administratif du ministère de l'instruction publique et des beaux arts*. Paris, France; Musée Pédagogique.

Ministère de l'instruction publique et des beaux arts (1881). *Reglement interieure du musée pédagogique et de la bibliothèque centrale de l'enseignement primaire*. (J. F. Président du conseil 'administration, ministre de l'instruction publique et des beaux arts (ed.). Paris, France; Musée Pédagogique.

Ozouf, Mona. (2014). *Jules Ferry: La Liberté et La Tradition*. 1st ed. ed. Gallimard. Paris.

Patel, Kiran Klaus. (2015). “An Emperor without Clothes ? The Debate about Transnational History Twenty-Five Years On.” *Histoire@Politique* 26: 78–87. www.histoire-politique.fr.

Pesavento, Sandra Jatahy. (1997). *Exposições Universais: Espetáculos Da Modernidade Do Século XIX*. São Paulo: Hucitec.

Pommier, Edouard. (1984). “Naissance Des Musées de Province.” In *Les Lieux de Mémoire*, Paris: Gallimard.

Possamai, Zita Rosane. (2015). “Exposição, Coleção, Museu Escolar:

Ideias Preliminares de Um Museu Imaginado.” *Educar em Revista* (58): 103–19.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000400103&lng=pt&tlng=pt (June 4, 2020).

———. (2019a). “Ferdinand Buisson and the Emergence of Pedagogical Museums: Clues of an International Movement, Nineteenth Century.” *Paedagogica Historica* 00(00): 1–19. <https://doi.org/10.1080/00309230.2019.1643897>.

———. (2019b). “Museus Pedagógicos Nacionais: Brasil e França, Século XIX.” *Museologia Interdisciplinaridade* 8(16 SE-): 69–87. <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/27225>.

POUCET, Bruno. (1996). “Les Musées d’éducation.” *Musées & Collections Publiques de France* (206): 12–17.

Poulot, Dominique. (1984). “Alexandre Lenoir et Les Musées Des Monuments Français.” In *Les Lieux de Mémoire*, Paris: Gallimard, 497–531.

———. (1997). *Musée, Nation, Patrimoine 1789-1815*. Paris: Gallimard.

———. (2008). *Une Histoire Des Musées de France, XVIII-XIX Siècles*. ed. La Decouvert. Paris.

Robertson, Bruce. (2004). “The South Kensington Museum in Context: An Alternative History.” *Museum and Society* 2(1): 1–14.

Sanjad, Nelson. (2011). *A Coruja de Minerva: O Museu Paraense Entre o Império e a República (1866-1907)*. ed. IBRAM/FIOCRUZ. Rio de Janeiro.

Schaer, Roland. (1993). *L’invention Des Musées*. ed. Gallimard. Paris.

Sirinelli, Jean François. (2003). “Os Intelectuais.” In *Por Uma História Política*, ed. FGV. Rio de Janeiro, 231–69.